

tanta saúde e tanto poder á personalidade; como, em outros termos, pode o patológico, tão a meúdo, conter o supranormal.

LXXIII — Fisiologia do supranormal — Hereditariedade fisiologica e hereditariedade psiquica.

Somente estes conceitos de vida psiquica podem conduzir a ciência ás portas de uma ultrafisiologia ou fisiologia do supranormal, qual a vêdes despontar nos fenomenos mediunicos. Aqui, são immediatas as relações entre materia e espirito; o psiquismo modela uma materia protoplasmica mais evolvida e sutil: o *ectoplasma*. A construção nova, antecipação na evolução, naturalmente não possui a resistencia das fórmulas que se estabilizaram por efeito de uma vida longa e se mostra pronta a desfazer-se. As sendas novas e excepcionais ainda são anormais e inseguras. Os produtos da fisiologia do supranormal, que surgem fóra das vias habituais da evolução, necessitam de fixar-se na fórmula estável, por meio de tentativas e prolongada repetição. Tudo isso vos lembra o raio global, retorno atavico, esse, de um passado transposto; o *ectoplasma*, ao contrario, é o pressentimento do futuro. Esta fórmula corresponde áquele processo de desmaterialização da materia, de que já falámos. A materia quimica do *ectoplasma* corresponde a uma avançada passagem de sistemas atomicos para motos vorticosos, ao longo da escala dos elementos, em direção aos pesos atomicos maximos. O fosforo (peso atomico 31), corpo sucedaneo, só aceito em doses moderadas no circulo da vida organica, é tomado aqui, no adiantado moto vorticoso, como corpo fundamental, a par de H (1), C (12), N (14), O (16). A plastica da materia organica, por obra do psiquismo central diretivo, se faz cada vez mais immediata e evidente. Tudo isto vos explica a estrutura lacunosa de muitas materializações espiriticas, em as quais a incompleta formação de algumas partes é suprida por massas uniformes de substancia ectoplasmica, com a apparencia de panos ou véus. Tudo revela a tentativa, o esforço, a imperfeição do novo. Isto vos torna comprehensivel que o desenvolvimento do organismo até á forma adulta não seja senão uma construção ideoplastica operada pelo psiquismo central, seguindo as velhas e seguras sendas tradicionais, percorridas pela evolução.

A rêde dos factos e concomitancias cada vez mais se aperta em torno deste inegavel psiquismo e só ele vos dá a chave do fenomeno da *hereditariedade*, fenomeno esse inexplicavel, se considerado apenas pelo seu aspecto organico, como o faz a ciência, e que, para ser comprehendido, tem que se completar com o conceito de uma *hereditariedade psiquica*. Como poderão órgãos sujeitos a uma con-

tinua renovação, até final e definitivo desfazimento, conservar indefinidamente características estruturais e transmitir atitudes prenatais a outros organismos? E é de notar-se que as registrações no instinto, frequentemente as mais importantes, se dão depois do periodo juvenil da reprodução, no individuo adulto, ás vezes mesmo na velhice (maturidade psiquica maxima). E como, numa natureza tão previdente e economica, poderiam perder-se até mesmo as melhores ocasiões? Porque não ha de a hereditariedade seguir outras vias, as vias psiquicas, pelas quais o material colhido é assegurado á sobrevivencia do principio espiritual, de preferencia ás vias organicas da reprodução? E não vemos que aquele é o nó que prende numa explicação unica todos os fenomenos do instinto, da consciencia, da evolução psiquica? Quem, senão o espirito imortal, pode constituir o fio condutor que, através de um continuo nascer e morrer de fórmulas, rege o desenvolvimento da evolução? E que fio, senão esse, saberá faze-la chegar ás superiores construções da ética?

Este conceito de hereditariedade psiquica leva á inevitavel conclusão, já agora preparada por muitos factos para poder ser negada, da sobrevivencia de um principio psiquico á morte, tanto no homem, como nos seres inferiores, não desherdados pela justiça divina — se bem que irmãos menores e se bem que de fórmula diversa — do direito de sobreviver. Se o psiquismo já se evidencia como parte integrante dos fenomenos biologicos, como principio a que se acham confiados os ultimos produtos da vida e a continuidade do transformismo evolutivo, como unidade diretora de todas as suas sucessivas fórmulas, é obvio se admita que ele, desde que sobrevive á morte organica, preexista ao nascimento. Este equilibrio de momentos contrarios é indispensavel á harmonia de todos os fenomenos, á indestrutibilidade da substancia, patente em todos os campos; tudo é continuação e retorno ciclico. O universo não pode ser arritmico, em nenhum ponto, nem a qualquer momento. E' absurdo, pois, o conceito de uma Divindade posta sob a dependencia de dois seres, cuja união tenha ela de esperar, para ser obrigada, quando eles o queiram, á obra da criação de uma alma. Não se pode conceder á criatura esse poder de decidir. E que acumulo de unidades espirituais, através da vida, no tempo ilimitado! Onde se completaria o ciclo e se restabeleceria o equilibrio?

A propria hereditariedade vos apresenta fenomenos que se não podem explicar de outro modo. Sem estes conceitos, tudo se torna incompreensivel e ilogico; com eles, tudo é claro, justo, natural. A's vezes, os filhos superam os genitores, os genios nascem quasi sempre de antepassados mediocres. Como pode o mais gerar-se do menos? Os caracteres distintivos da personalidade exorbitam de toda hereditariedade, á qual vêdes deixadas as afinidades organicas, mais do que as qualidades psiquicas. Vimos que a genese do psiquismo, a formação do instinto, da consciencia são problemas insolúveis de

outra maneira. Porque essas profundas desigualdades inatas, indestrutíveis no individuo, qualidades suas indelevelmente estampadas no seu interno semblante psiquico? Não vos mostram elas todo um caminho percorrido? Um passado vivido, que não se pode anular, nem fazer calar, ressurgue e clama: tal fui, tal sou. De tudo isto depende um destino de alegria ou de dor, que é um direito ou uma condenação. Uma criação nova, provinda do nada, deveria, por divina justiça, formar almas e destinos *iguais*. Não façais que tantas condenações dolorosas, que Deus justamente permite porque assim o quis o sêr livre e responsável, recaiam sobre a divindade, como acusações de injustiça ou de inconciencia. Que absurdidades éticas para com uma alma a que, ao contrario, se deve ensinar a subir moralmente!

Não abrais, para o homem, exceção na lei ciclica que rege todos os phenomenos. Um rio não pode criar-se a si mesmo na fonte. Se esta não se alimentasse sempre por meio da evaporação e das chuvas vindas do mar, nenhuma haveria com capacidade bastante para entreter o eterno fluir. Não crieis desproporções entre um átimo, qual a vossa vida, e uma eternidade de consequencias. Sabeis o que seja uma eternidade? E' absurda, inconcebível, tão grande desproporção entre causa e efeito. *Só não pode morrer o que não nasceu*; somente pode sobreviver na eternidade o que não teve principio. Se admitis um ponto de partida, tendes que admitir um equivalente ponto de chegada. *Se a alma nasce com o corpo, com o corpo tem de morrer*. A lógica então vos conduz ao mais desesperado materialismo.

Não acrediteis, como muito a meúde costumais fazer dentro das vossas ilusões, que premio e pena, alegria ou dor, na eternidade da justiça divina, se possam usurpar, conforme é de uso no vosso mundo. Tudo ocorre por efeito de uma lei fatal de causalidade, uma lei intima, invisível e inviolável, contra a qual nada podem a astucia ou a prepotencia. E' uma lei matematica, um exato calculo de forças. Não ha possibilidade de violação em tão ferrea engrenagem de phenomenos. A's consequencias das proprias ações ninguém foge nunca e o bem ou o mal que alguém pratica operam por si mesmos. Antes da hereditariedade organica, está uma hereditariedade psiquica, que comanda aquela outra, resumindo todas as vossas obras e adstringindo o vosso destino. Deus é sempre justo. A ninguém podeis inculpar; em qualquer caso, é absurdo maldizer. A cada instante, procede-se ao balanço exato do dar e do ter, como culpas e meritos, como pena e gozo, e a dor é sempre uma benção de Deus, porque, se não expia e purifica, se não paga o débito, sempre constroe, porque acumula crédito. E' a lei da vida, oculta, inatingível, presente sempre, que nunca se desmente.

Caem as vossas barreiras e as defesas que levantaiis a favor da injustiça. A justiça é a lei profunda, que vos acompanha e sem-

pre vos alcança, na eternidade. Quantos dramas nestas poucas palavras! Acima da parentela dos corpos, tendes um parentesco mais profundo com o vosso passado e com as vossas obras, que em torno de vós ressurgem, vos assediavam, vos elevam ou abatem. Sois quais vos fizestes; possuis, concedidas aparentemente pela natureza, as armas que fabricastes; com elas enfrentais a vida, com elas a sobrepujais. Pusestes em movimento as causas que agora operam dentro e fóra de vós. O presente é filho do passado; o futuro será filho do presente. A ninguém culpeis. A genese de uma vida não pode ser efeito do egoismo de dois, a operar em detrimento de um terceiro, impossibilitado de dar consentimento. Como podeis crer que toda uma vida de alegria ou de dor, da qual dependeria a fixação de um estado definitivo para a eternidade, seja deixada ao arbitrio de um facto accidental, executado sem conciencia das consequencias resultantes dele? Como é possível que um facto tão substancial, qual a vida e a dor de um homem, num organismo universal onde tudo é tão precisa e justamente objetivado e previsto, seja assim posto fóra do alcance de toda lei, no momento decisivo de sua genese, de tão colossais efeitos? Não vêdes a absurdidade de semelhante conceito? Como podeis crer que na imensa ordem soberana possa haver lugar para a loucura e para a maldição, para a inconciencia e para a usurpação, e que as causas da dor possam os irresponsaveis semea-las ao acaso?

Mas, não ouvís a vossa personalidade a clamar "eu", acima de todo vinculo e de toda afinidade? A hereditariedade é sobretudo psíquica e essa é vossa, individual, por vós preparada e buscada. A hereditariedade fisiologica é uma hereditariedade secundaria, dependente daquela outra, de consequencias limitadas, porque inherentes a um organismo que para vós não é mais do que veículo da viagem terrena e que amanhã abandonareis. A parentela familiar é parentela organica, de formas, de tipo; a esse vaso desceu o vosso espirito, não por acaso, mas por lei de afinidade e a fusão se faz completa numa unidade que, embora conservando os caracteres da raça e da familia, muitas vezes, como personalidade psiquica, os transcende inconfundivelmente. Daí as semelhanças e, ao mesmo tempo, tantas diferenças. Os progenitores vos dão o germen da vida fisica, protegem-lhe o desenvolvimento, a par do da vida psiquica que desceu do céu e lhes está confiada. Respeitai-lhes e amai-lhes o grande labor. Nas horas frageis da juventude, eles têm nas mãos a vossa alma eterna; e tremei, se sois pais, considerando-vos escolhidos para colaboradores no trabalho divino da construção de almas.

Se a vida psiquica não é filha direta dos progenitores, é deles, todavia, parente, pelas vias da afinidade, que a chamou e atraiu para aquele determinado ambiente. Nada fica entregue ao acaso. A meúde a alma escolhe o lugar e o tempo, presaga das provas que

lhe cumpre vencer; mas, quando ainda não alcançou esse grau de consciência e ainda não sabe ser livre, então o seu peso específico, resultante do grau de sua destilação espiritual, as atrações e repulsões pelas coisas da terra, a natureza do tipo que constituiu para si, a guiam *automaticamente* para um equilíbrio espontâneo de forças — pois que tudo se equilibra no universo, do átomo às estrelas — no seu elemento, em o qual somente lhe é possível viver e laborar.

LXXIV — O ciclo da vida e da morte e a sua evolução.

Essa hereditariedade psíquica é, com significado e função fundamentais, a base do ciclo alternativo da vida e da morte. Na evolução darwiniana vistes unicamente a progressão das formas orgânicas. Não podíeis deixar de topar com esse último efeito do psiquismo; ele, porém, qual íntima causa determinante, permaneceu para vós na sombra. Fugiu-vos assim o fio condutor de todo o processo e a acumulação dos valores psíquicos, a sustentação, em linha de continuidade, de tantos fenômenos constantemente interrompidos pela morte, se vos conservaram como um mistério. Não evoluem as formas, porém o princípio imaterial que as plasma, que lhes é a causa e que tem o poder indestrutível de as reconstruir sempre.

Se a natureza guarda suprema indiferença diante da morte, é porque esta, substancialmente, *nada destrói*, tanto que, apesar das continuas mortes, a vida prossegue triunfante. A morte nada destrói, nem do que é matéria, nem do que é espírito. A matéria abandonada desce de novo a um nível inferior e é apanhada em mais baixo ciclo de vida. O psiquismo retoma o dinamismo e os valores espirituais e ascende, imaterial e invisível, para equilibrar-se no nível que lhe é próprio *por peso específico*. Do mesmo modo que com a luz e as cores pinta a natureza os mais maravilhosos quadros e, depois, despreocupadamente, deixa se desvanecerem, porque sabe em seguida reconstruí-los, de pronto, mais belos ainda, tão rica se sente de beleza, também com a química do plasma, com as forças da vida, com a sabedoria do psiquismo, a mesma natureza modela as mais maravilhosas formas e as deixa murchar e morrer, porque as sabe refazer rapidamente e as refará mais belas, numa infinita prodigalidade de gêrmenes.

A morte, com efeito, não lesa o princípio da vida, que permanece intacto, que, antes, continuamente rejuvenesce, em virtude dessa renovação contínua através da morte. Se a natureza não teme e não foge à morte, é porque esta é *condição de vida* e, da sua íntima economia, nada a morte arruína. Sabe a natureza que a substância é indestrutível, que nada nunca se pode perder como quantidade, nem como qualidade; sabe que tudo ressurgirá da morte: ressurgirá o

corpo no ciclo das trocas orgânicas e ressurgirá o espírito no psiquismo diretor.

Que é a morte? Que é essa singular evaporação de consciência, por efeito da qual o organismo, num instante, passa do movimento à imobilidade, da sensibilidade à passividade inerte? Consternados, olhai para aquele corpo morto e em vão lhe pedis que vos restitua a sensação a centelha, que se apagou, da vida. Entretanto, no primeiro momento, a matéria ainda está toda ali intacta; estão todos os órgãos, todos os tecidos, a forma; a máquina repousa completa. Só falta a vontade do conjunto, o psiquismo diretor; falta o poder central e a sociedade se dá pressa em dissolver-se, qual exército sem chefe, onde doravante cada soldado pensa por si mesmo, cuidando de agregar-se a outros exércitos, tanto que os encontre. Rue o esplendido edifício e outros construtores próximos, não importa se menos habéis, correm à cata de materiais para os seus edifícios. Tudo é presto retomado em novo círculo, reutilizado e revive ao sol. Nada pode nunca morrer. Apenas a unidade coletiva se dissolve em menores unidades componentes.

Ha então separação do psiquismo e profunda mudança de estado na matéria. Ha nesse fenômeno qualquer coisa que lembre outras mais simples mudanças de estado, como a passagem da matéria do estado gasoso ao estado líquido, até ao sólido. Ha perda de mobilidade, liberação de energia. Nada em a natureza se destrói e mesmo a morte, por lei universal, *tem que restituir* intacto o psiquismo cujos traços inutilmente procurais dali por diante naquele corpo. Não importa que aos vossos sentidos e meios de observação ele escape no imponderável. Havia um psiquismo animador que agora já não ha. Todo o universo, por obediência constante à sua lei, clama que aquele psiquismo *não pode ter sofrido destruição*. Aquele princípio vós o vêdes *renascer* a todo momento, como do mar renascem as chuvas que sobre vós caem: renascer rico de instintos, proporcionado ao ambiente, individuado como estava quando o corpo morreu. Vós o vêdes desaparecer na morte e reaparecer no nascimento. Como então é possível que o ciclo não se feche, conforme acontece com relação a todas as coisas, reunindo de novo os seus extremos? *Assim como o que não morre não pode ter nascido, também não pode morrer o que existia antes do nascimento. O que não nasceu com a vida, com a vida não morre.*

A lógica do universo, a voz de todos os fenômenos concordemente vos conduzem a esta conclusão; se, como está demonstrado, apesar da mutação da forma, a substância se conserva indestrutível, se é evidente a existência de um princípio psíquico, este princípio tem que ser imortal e imortalidade não pode ser senão eternidade, equilíbrio entre passado e futuro, isto é, reencarnação. Se é eterno tudo o que existe, vós, desde que existis, sois eternos. Coisa alguma poderá jamais anular-se. Não ha lei ou autoridade humana que